



Relação do jornalismo na construção da narrativa migratório no estado do Acre¹

ARAÚJO, Priscila Cristina Miranda de²
QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo³

RESUMO: A presente pesquisa analisa como o site G1/AC discute e representa as identidades dos haitianos em suas notícias e reportagens. O estudo busca compreender como são engendrados os discursos representativo-simbólicos sobre os haitianos. O *corpus* de investigação ancora-se na pesquisa de seis matérias. O escopo do trabalho centra-se na assimilação de conceitos como identidades, diáspora e representação. Serão utilizados como arcabouço teórico os autores Paul Gilroy, Stuart Hall entre outros, cujas análises ajudam a compreender os processos de constituição das identidades, das representações e da diáspora.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrantes; Representação; Identidade; G1/AC.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de analisar como são abordadas as representações e identidades sobre o fluxo migratório dos haitianos no período de 2014 por meio de notícias e reportagens veiculadas pelo site G1/AC. Esse trabalho é o início de um estudo monográfico que pretende analisar a relação do jornalismo na construção da narrativa migratório no estado do Acre.

Para este artigo são analisadas seis matérias dentro desse fluxo migratório no Acre veiculadas pelo site G1/AC. São elas: “Haitianas dão à luz no Acre para ter filhos com cidadania brasileira” publicada 05/08/14 e escrita por Veriana Ribeiro; “Imigrantes rejeitam comida servida em abrigo em Brasiléia” publicada no dia 27/03/14 e escrita por Amanda Borges; “Por boa convivência, imigrantes no AC separam dias de rituais religiosos” publicada no dia 06/04/2014 e escrita por Caio Fungêncio; “Com dois empregos em SC, haitiano volta ao Acre para buscar namorada” publicada no dia 23/09/14 e escrita por Aline Nascimento; “Haitiana morre com pneumonia em Rio

¹Trabalho apresentado ao GT Historiografia da Mídia do IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, realizado em 19 e 20 de maio de 2016.

²Graduada em Comunicação com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Acre – AC.

³Orientador do trabalho. Professor da Universidade Federal do Acre – AC.



Branco, segundo governo” publicada em 05/05/15 e escrita por Aline Nascimento e Caio Fulgêncio e “‘Os imigrantes são um problema do Brasil e não do Acre’, diz governador” publicada no dia 26/05/15 e escrita por Iryá Rodrigues.

A escolha desse tema se deu pelas inquietações referentes às abordagens jornalísticas do fluxo migratório, como: o enquadramento da matéria, a escolha de fontes e a forma rasa de abordar o tema. O site G1/AC foi escolhido por se tratar de um dos veículos online que mais produziu conteúdo original referente a esse tema.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2014) em um primeiro momento parece ser fácil definir “identidade”. Para Silva, a identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente (SILVA, 2014, p. 74).

Para Hall, a afirmação de uma identidade é a negação de outra, como na afirmação “sou brasileiro”, faz parte de uma cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade e diferença. Hall exemplifica argumentando que, por trás da afirmação “sou brasileiro” deve ser ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês”. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (Apud. SILVA, 2014, p. 75).

Identidade e representação

Stuart Hall ao falar da identidade nacional questiona “o que está acontecendo com a identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?”. Segue o pensamento de Hall:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2015, p. 29).



Hall faz uma reflexão sobre as pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas. Hall argumenta que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seus deslocamentos: “Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (HALL, 2015, p. 22).

Em concordância com Hall, Paul Gilroy (2012) traz ao debate questões sobre a modernidade, sobre a nacionalidade, a etnia, a autenticidade e a integridade cultural são “fenômenos tipicamente modernos com implicações profundas para crítica cultural e a história cultural” (2012, p. 34).

Para Gilroy (2012), a diáspora “é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento”. Para o autor, a diáspora desafia o valorizar do parentesco sub e supranacionais, e “permitindo uma relação mais ambivalente com as nações e com o nacionalismo”.

Silva (2014) continua o debate sobre representação. Para ele a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, “posicionando-nos como sujeito”. Segue o pensamento do autor:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (SILVA, 2014, 18).

Para Silva (2014) a representação, “compreendida como um processo cultural” estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia “fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem falar” (SILVA, 2014, p. 18).

Trajetória dos imigrantes

Armstrong da Silva Santos (2014) em sua dissertação de mestrado “Haitianos na Amazônia Sul-Ocidental: Identidades e Narrativas em Trânsito” faz um estudo sobre a trajetória desses imigrantes negros (haitianos, senegaleses, dominicanos) na Amazônia



acreana entre 2010 e 2014. Segundo Santos, milhares de homens e mulheres que alcançam as cidades de Brasiléia, Assis Brasil, Epitaciolândia e Rio Branco “não receberam uma atenção que visasse compreender e minimizar seus problemas a não ser, de algumas instituições religiosas e pequenos grupos de moradores e alguns administradores dos municípios onde ficam localizadas aquelas cidades, na região do alto rio Acre” (SANTOS, 2014, online).

Em virtude dessa desatenção e em decorrência da compreensão de que as histórias individuais dessas pessoas, elaboradas no transcurso realizado entre diferentes regiões do planeta, estão ligadas por um contexto narrativo que separa grupos humanos através de demarcações arbitrárias de espaços, tempos e culturas instigando a disputa, a exclusão e a segregação de parcelas significativas de mulheres e homens sob a alegação de raça, credo, etnia, nacionalidade, entre outros, nos dispusemos a realizar o presente estudo. (SANTOS, 2014, online).

Para Santos (2014) as causas que motivaram os haitianos a vir para o Brasil começam desde a destruição e as mortes causadas pelos sismos de janeiro de 2010, como o crescimento econômico brasileiro, a presença e a atuação do Brasil junto às forças da ONU naquele país e a apresentação do “Brasileiro” no cenário mundial, como “um povo acolhedor e alegre”.

A presença haitiana no Acre, crescente desde o final do ano de 2010, torna evidente a complexidade desses encontros que fazem sobressair as diferenças também nesta parte da Amazônia Sul-Occidental. Por outro lado, ela torna possível, a partir das práticas e dos discursos, refletir sobre a dinâmica dessas vivências e as interpretações elaboradas no contato com os brasileiros, na relação que estabelecem com o tempo e com as atividades que desenvolvem e/ou se propõem a desenvolver no Brasil. (SANTOS, 2014, online).

Análise das matérias

Santos (2014) faz uma importante reflexão sobre a linguagem como produtora e promotora de “articulações necessárias tanto para o estabelecimento das diferenças quanto de suas juntas no trato cotidiano”. Para Santos, “é na e pela linguagem que são produzidos os discursos que representam o mundo e seus agentes uma vez que é a partir da linguagem que construímos e apresentamos nossas percepções sobre o real”.



Santos cita Stuart Hall ao dizer que não se pode esquecer que o “mundo real não está fora do discurso; não está fora da significação. É prática e discurso, como qualquer outra coisa” (HALL *apud* SANTOS, 2014, online).

Ao se tratar da linguagem jornalística é possível perceber que as reportagens fazem parte de uma linguagem pouco aprofundada e por diversas vezes fragmentada. Para Eduardo Belo (2006) diariamente os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias e, por esse motivo, a cobertura da imprensa tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial. Belo (2006) acrescenta que “com edições reduzidas e equipes limitadas, fica difícil abrigar tantos assuntos, ainda mais com qualidade” (BELO, 2006, p. 14).

Em concordância ao pensamento de Belo (2006) é possível perceber que no site G1/AC as histórias dos imigrantes são singularizadas e homogêneas. A matéria “Haitianas dão à luz no Acre para ter filhos com cidadania brasileira” publicada 05/08/14 e escrita por Veriana Ribeiro relata as histórias de duas haitianas que deram luz nos últimos 13 dias, na maternidade pública de Rio Branco. No texto o secretário da Secretaria de Direitos Humanos, Nilson Mourão revela que desde o início da imigração haitiana no Brasil cerca de 60 mulheres grávidas passaram pelo abrigo. O secretário diz que:

Para ele, existem dois motivos para isso: as melhores condições de atendimento médico e a cidadania brasileira para o filho. "Elas vêm com a finalidade de o filho nascer no Brasil. Porque se ele nasce no Brasil, tanto a criança quanto ela adquirem cidadania automática", afirma Mourão. (RIBEIRO, 2014, online).

Para Santos (2014)

não podemos deixar de anotar que, para muitos estrangeiros haitianos, senegaleses, dominicanos, ‘quase todos pretos’ no Brasil, esta é mais uma das diversas tentativas de melhoria nas condições gerais de vida a partir da imigração”. Segundo o autor esses sujeitos são “reduzidos” (discursivamente) à condição de força de trabalho, números estatísticos e/ou matérias de jornais, “essas pessoas se tornam ‘quase abstrações’ maleáveis pelas práticas discursivas recorrentes nesses textos (2014, 33).

Na matéria “Imigrantes rejeitam comida servida em abrigo em Brasília” publicada no dia 27/03/14 e escrita por Amanda Borges, relata o fato que aconteceu no



abrigo em Brasiléia, onde um grupo de 30 imigrantes protestaram contra a comida servida no jantar do dia 26/03/2014. No texto a jornalista afirma que as marmitas vinham com carne bovina, arroz e barata e foram jogadas no chão durante a confusão.

Damião Borges, representante da Secretaria do Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh) que coordena o abrigo, explica que o caso não é isolado e que chega a ser comum os imigrantes reclamarem e desperdiçarem a comida que é servida duas vezes ao dia. "Isso é normal, todo dia tem isso, eles não querem comer a comida e jogam no mato. A empresa coloca arroz e carne e eles não querem, só querem comer frango e frango aqui na cidade tem que pedir com oito dias de antecedência. Quem está jogando comida fora é porque tem dinheiro para comer fora do abrigo", relata. (BORGES, 2014, online).

Na matéria “Por boa convivência, imigrantes no AC separam dias de rituais religiosos” publicada no dia 06/04/2014 e escrita por Caio Fungêncio traz em discussão a diversidade religiosa entre os imigrantes. No novo abrigo, na Chácara Aliança, os imigrantes foram separados por nacionalidade e sexo. O texto revela que as principais religiões são: o cristianismo entre os haitianos e o islamismo seguido pela maioria dos senegaleses.

No texto é citado o jornalista Dorvil Kesnel que é natural do Haiti, tem 33 anos e é evangélico da Igreja Batista. Dorvil explica que foi feito um acordo para que aconteça apenas uma celebração religiosa por dia segundo ele “para evitar confusão”. “Nós somos imigrantes e temos que nos unir para seguir mais adiante. Então, não temos tempo para conversar de religião, cada um tem sua preocupação”, afirma. (FULGÊNCIO, 2014, online).

Nessa matéria é possível perceber que as diversas identidades culturais são homogeneizadas. Hall (2014) diz que em toda parte estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, “em transição”, entre diferentes tradições posições. Para Hall os recursos de diferentes tradições culturais são “o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado” (HALL, 2014, p. 52).

As pessoas pertencem a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou á ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. A palavra tradução, observa Salman Rushdie, “vem,



etimologicamente, do latim, significado ‘transferir’; ‘transportar entre fronteiras’ (HALL, 2015, p. 52).

Nota-se, portanto, que o texto jornalístico, na maioria das vezes, tenta traduzir as histórias desses imigrantes e suas identidades culturais. Para Hall esse conceito de tradução “descreve aquelas formações de identidade que atravessa, e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (HALL, 2015, p. 52).

Na matéria “Com dois empregos em SC, haitiano volta ao Acre para buscar namorada” publicada no dia 23/09/14 e escrita por Aline Nascimento discorre sobre a história do haitiano Gladimy que foi morar em Treze Tílias (SC) e que após conseguir emprego retorna para Rio Branco pra buscar a namorada. Gladimy Saint Louis tem 24 anos e chegou no Brasil há oito meses: “tinha o mesmo objetivo de milhares de imigrantes: começar uma nova vida no país”. Segue a fala de Gladimy:

‘Mantive contato esse tempo todo com ela por Facebook e pelo celular. Agora só estamos esperando ela tirar toda a documentação para ir lá para Santa Catarina. Vamos guardar dinheiro para casar lá no Haiti, junto com nosso povo’, diz Gladimy. Para ele, o Brasil é sinônimo de alegria. ‘É um país bom, um povo alegre, e nos tratam bem. Temos uma vida melhor, porque depois do terremoto ficamos sem nada.’ (NASCIMENTO, 2014, online).

A matéria relata que Gladimy falava português fluentemente e incentivado pelos amigos ele decidiu largar o curso de agronomia na República Dominicana e em dezembro de 2013 veio sozinho para o Brasil. Hall reforça ainda que “essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado” (HALL, 2015, p. 52):

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas aos traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma casa particular). (HALL, 2014, p. 52)

A matéria “Haitiana morre com pneumonia em Rio Branco, segundo governo” publicada em 05/05/15 e escrita por Aline Nascimento e Caio Fulgêncio relata a morte



de Milourde Rigueur, de nacionalidade haitiana e com 27 anos. Milourde morreu no Hospital de Urgência e Emergência de Rio Branco (Huerb) com diagnóstico de pneumonia. O responsável pela Secretaria de Justiça de Direitos Humanos do Acre (Sejudh), Nilson Mourão diz que a imigrante chegou doente ao estado, no dia 24 de abril, e foi internada no sábado.

Santos (2015) faz um relato da rota dos imigrantes até chegar ao Acre. Para eles os haitianos têm que “optar” entre um traslado de desvios, ameaças e cobranças. “Nem seguir nem voltar; permanecer sem ser desejado é possibilidade aproveitada na edificação de novos expedientes extorsivos cuja não aceitação ou a impossibilidade de atender, pode representar a diferença entre a vida e a morte”. Depois de tanta luta para se chegar ao Brasil, todos esperam condições dignas para viver no novo país.

A matéria relata de forma simplificada e rasa o caso de Milourde. Ela estava sozinha no abrigo em Rio Branco (AC) e a Sejudh conseguiu entrar em contato, por telefone, com o marido dela, que mora na República Dominicana mas, o site G1 não deu retorno a história. E mais um caso, como esse, foi esquecido.

A Embaixada do Haiti no Brasil também foi acionada, garante o secretário. ‘O corpo está no necrotério. Hoje, fizemos contato com a Embaixada do Haiti no Brasil e conseguimos identificar o telefone do marido dela, que está na República Dominicana. Ele ainda não sabia da morte. Queremos saber se o marido se responsabiliza pelo traslado da esposa, se sim, a embaixada vai fazer os trâmites. Se não tiver condições, ela será enterrada aqui’, diz. (NASCIMENTO; FULGÊNCIO, 2015, online).

O texto relata que segundo Nilson Mourão, o abrigo em Rio Branco possui atualmente mais de 850 imigrantes e reconhece que a situação não é adequada para uma pessoa doente. “Naturalmente, o abrigo não é um espaço adequado para quem está doente. O local está deteriorado, com muitos problemas, para quem está bom, imagina para quem está doente. É um espaço inadequado”, fala.

A matéria “‘Os imigrantes são um problema do Brasil e não do Acre’, diz governador” publicada no dia 26/05/15 e escrita por Iryá Rodrigues relata a entrevista do governador do Acre, Tião Viana ao programa da Rede Amazônia, o Bom Dia Amazônia. O governador questionou a postura do governo de São Paulo quanto ao



envio de imigrantes haitianos para a cidade paulista. Viana ainda ressaltou que desde 2010, já foram gastos mais de R\$ 25 milhões com ações de assistência aos imigrantes.

Viana diz que “A União tem que fazer sua parte, e já reconheceu que não dá mais para deixar sob a responsabilidade do Acre conduzir um problema que é do Brasil e não do estado, por conta da política de imigração. É um assunto que aumenta a cada dia, porque tem uma indústria de coiotes sendo alimentada com a miséria humana”, diz.

Viana disse ainda que os estados precisam ser solidários com a questão da imigração e criticou a postura de São Paulo em reclamar da entrada de pessoas de outros países na cidade. “No dia que São Paulo reclamou porque em três dias entraram 100 imigrantes, no Acre chegaram 222 em um dia e 108 no outro. Então, não dá para São Paulo ficar nessa reclamação. Temos que ser solidários, sabendo que é um problema do Brasil”, afirma Viana. (RODRIGUES, 2014, online).

Para Santos (2015) matérias como essas podem ser encontradas facilmente em páginas de jornais e pronunciamentos de autoridades ligadas às esferas federal, estadual e municipal, “produzindo e difundindo narrativas em que a preciosa mão de obra haitiana pode ser amplamente explorada sob a alegação de que se está agindo com finalidade humanitária”. Santos afirma que sem qualquer menção às causas do “espalhamento haitiano”, “essas pessoas são (discursivamente) reduzidas à força de trabalho que pode ser ‘importada’, ‘inserida’, ‘recebida’ para ‘suprir’ carências de empresários e empresas, no que concerne ao desenvolvimento de seus negócios, por todo o território nacional” (SANTOS, 2014, online).

Considerações Finais

No artigo em análise, as bases para se pensar os movimentos diaspóricos e, principalmente, as representações midiáticas dos haitianos renovam a crença de que a concretude do cotidiano e a observação do real empírico constituem o principal papel desempenhado pelo jornalista na configuração e problematização da realidade social.

A crítica esboçada aqui vai contra os pressupostos unificadores - que articulam as identidades dos haitianos de forma estandardizada - configurando-as dentro de uma perspectiva abstrata, sem levar em consideração suas vozes e sua existência histórico-social.



Paul Gilroy ratifica as discussões já esboçadas durante o artigo, de que a diáspora africana pelo hemisfério ocidental dá lugar à história de futuras dispersões, tanto econômicas quanto políticas, pela Europa e pela América do Norte. Estas jornadas secundárias também estão associadas à violência e são um novo nível de disjunção diaspórica, e não apenas reviravoltas ou impasses. Os mecanismos culturais e políticos não podem ser compreendidos, nesse aspecto, sem que se atente para o tempo da migração forçada e para o ritmo quebrado no qual artistas e ativistas deixam regimes assassinos para trás e encontram asilo político em outro lugar (GILROY, p. 21, 2012).

Nesse sentido, a análise das matérias deixa um sentido subjacente. Para os haitianos, permanecer no Brasil por “um ano ou dois” confirma a percepção do Haiti como o lugar de “retorno”. O Brasil, nesses enunciados, subjaz como o meio necessário para alcançar este fim.

REFERÊNCIAS:

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Amanda. **Imigrantes rejeitam comida servida em abrigo em Brasília**, G1/AC, 27/03/14. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/03/imigrantes-rejeitam-comida-servida-em-abrigo-de-brasileia.html>. Acesso em 01/05/2016.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centros de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade e cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

NASCIMENTO, Aline. **Com dois empregos em SC, haitiano volta ao Acre para buscar namorada**, G1/AC, 23/09/14. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/09/com-dois-empregos-em-sc-haitiano-volta-ao-acre-para-buscar-namorada.html>. Acesso em 01/05/2016.

NASCIMENTO, Aline; FULGÊNCIO, Caio. **Haitiana morre com pneumonia em Rio Branco, segundo governo**, G1/AC, 05/05/15. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/05/haitiana-morre-com-tuberculose-em-em-rio-branco-confirma-sejudh.html>. Acesso em 01/05/2016.

RIBEIRO, Veriana. **Haitianas dão à luz no Acre para ter filhos com cidadania brasileira**, G1/AC, 05/08/14. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/08/haitianas-dao-luz-no-acre-para-ter-filhos-com-cidadania-brasileira.html>. Acesso em 01/05/2016.



RODRIGUES, Iryá. **‘Os imigrantes são um problema do Brasil e não do Acre’, diz governador**, G1/AC, 26/05/15. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/05/os-imigrantes-sao-um-problema-do-brasil-e-nao-do-acre-diz-governador.html>. Acesso em 01/05/2016.

SANTOS, Armstrong da Silva. **Haitianos na Amazônia Sul-Ocidental: Identidades e Narrativas em Trânsito** (online). Disponível em: [file:///C:/Users/Priscila%20Cristina/Desktop/Armstrong%20da%20Silva%20Santos%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Priscila%20Cristina/Desktop/Armstrong%20da%20Silva%20Santos%20(1).pdf). Acesso em 24 de Abr. 2016.

SILVA, Tomas Tadeu de; WOODWARD, Kathryn (Org.). HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.